

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Leonardo da Rosa Borba

Vicissitudes da Teoria Crítica: O progresso da corrente de pensamento da Escola de Frankfurt através da leitura dos diferentes modelos de Teoria Crítica propostos por Max Horkheimer

Florianópolis

2024

Leonardo da Rosa Borba

Vicissitudes da Teoria Crítica: O progresso da corrente de pensamento da Escola de Frankfurt através da leitura dos diferentes modelos de Teoria Crítica propostos por Max Horkheimer

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Luis Gustavo da Cunha, Dr.

Florianópolis

2024

Borba, Leonardo da Rosa

Vicissitudes da Teoria Crítica : O progresso da corrente de pensamento da Escola de Frankfurt através da leitura dos diferentes modelos de Teoria Crítica propostos por Max Horkheimer / Leonardo da Rosa Borba ; orientador, Luiz Gustavo da Cunha de Souza, 2024.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

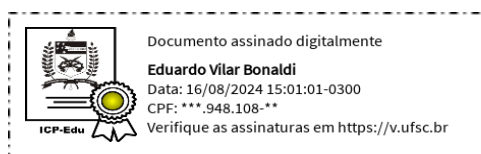
1. Ciências Sociais. 2. Teoria Crítica. 4. Horkheimer. I. de Souza, Luiz Gustavo da Cunha. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Leonardo da Rosa Borba

Vicissitudes da Teoria Crítica: O progresso da corrente de pensamento da Escola de Frankfurt através da leitura dos diferentes modelos de Teoria Crítica propostos por Max Horkheimer

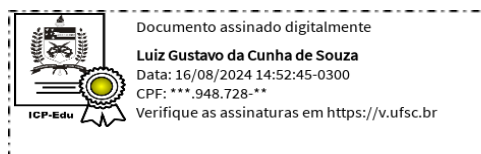
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 15 de agosto de 2024.



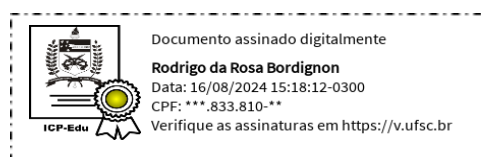
Coordenação do Curso

Banca examinadora



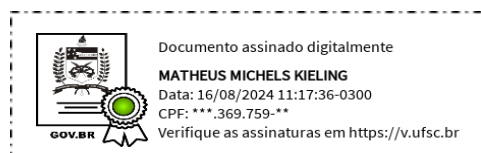
Prof. Dr. Luiz Gustavo da Cunha de Souza

Orientador - UFSC



Prof. Dr. Rodrigo da Rosa Bordignon

Avaliador - UFSC



Me. Matheus Michels Kieling

Avaliador - UFSC

Florianópolis, 2024.

À melhor professora que já tive, Inez Maria da Rosa Borba.

E ao Ricardo da Silva Borba, que das caronas de carro me ajudou a chegar até aqui.

“I think hard times are coming. When we will be wanting the voices of writers who can see alternatives to how we live now, and can see through our fear stricken society and its obsessive technologies to other ways of being... And even imagine some real grounds for hope. We will need writers who can remember freedom. Poets, visionaries, the realists of a larger reality”. (Ursula K. Le Guin, 2014)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo explorar os diferentes modelos da primeira geração da Teoria Crítica e as transformações na corrente de pensamento da Escola de Frankfurt. Para isso, foi feita uma revisão de literatura de três textos de Max Horkheimer que representam os diferentes projetos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt durante seu tempo como diretor. Em específico será feita a leitura dos artigos “*A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais*”, e “*Teoria Tradicional e Teoria Crítica*” e do livro “*Dialética do Esclarecimento*”, escrito em parceria com Theodor W. Adorno. Além disso, leituras complementares foram realizadas para contextualizar os modelos da Teoria Crítica e elucidar seus fundamentos teóricos.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Escola de Frankfurt; Max Horkheimer.

ABSTRACT

The present work aims to explore the different models of Critical Theory in its first generation to understand the evolution of the Frankfurt School's train of thought. To this end, a literature review was carried out on three works by Max Horkheimer, which represent the different projects of the Institute for Social Research during his time as director. Specifically, the articles "*The Present Situation of Social Philosophy and the Tasks of an Institute for Social Research*" and "*Traditional and Critical Theory*" and the book "**Dialectic of Enlightenment**", written together with Theodor W. Adorno. Furthermore, complementary readings were carried out to contextualize the Critical Theory models and elucidate their theoretical foundations.

Keywords: Critical Theory; Frankfurt School; Max Horkheimer; Dubiel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Do contexto da pesquisa.....	10
1.2 Da estrutura do trabalho.....	11
2 SOBRE O MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR.....	12
2.1 A interdisciplinaridade das pesquisas.....	12
2.2 A defesa por uma filosofia social.....	13
2.3 A proposta de Horkheimer.....	14
2.4 As influências de Georg Lukács.....	15
3 SOBRE A TEORIA CRÍTICA.....	15
3.1 A falsidade da neutralidade científica.....	16
3.2 Os limites do positivismo.....	16
3.3 O proletariado e a Intelectualidade.....	18
4 SOBRE A CRÍTICA DA RAZÃO INSTRUMENTAL.....	19
4.1 O contexto da obra.....	19
4.2 A razão como instrumento de dominação.....	20
4.3 O Esclarecimento e seu retorno ao mito.....	21
4.4 O capitalismo de estado.....	23
4.5 A instrumentalização das massas.....	24
4.6 A aporia teórica.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

1.1 DO CONTEXTO DA PESQUISA

Fundado em 1923, o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (Institut für Sozialforschung - IfS) , posteriormente conhecido por abrigar o grupo de pensadores que ficou conhecido por Escola de Frankfurt, veio a agregar algumas das mentes mais influentes do século XX. Representado em grande parte por um de seus diretores, Max Horkheimer, o Instituto defendeu um projeto de teoria social distinta da teoria científica tradicional. Elaborada a partir da perspectiva filosófica marxista orientada pela construção de um futuro emancipador, essa teoria estaria preocupada em criticar as contradições da sociedade capitalista e suas diferentes formas de dominação. Tal projeto adotaria o nome de Teoria Crítica.

A proposta da Escola de Frankfurt não era o estabelecimento de leis universais ou garantir a neutralidade científica em sua análise, mas era uma interpretação crítica dos fenômenos sociais de seu tempo. Desse modo, não se deve assumir que a Teoria Crítica permaneceu imutável durante seus 100 anos de desenvolvimento. À medida que o mundo social se transforma e diferentes paradigmas são encontrados, novos modelos de interpretação crítica precisam ser formulados para que continue sendo possível atingir sua finalidade de criticar o presente. O que implica em ressignificar a relação entre teoria e prática, enquanto se reconceitua o papel complementar entre a filosofia e as ciências sociais (Benhabib, 1986). Por esse motivo, a definição do que é a Teoria Crítica é elusiva. Compreender essa corrente de pensamento significa compreender, antes, suas vicissitudes. Este trabalho busca, então, demonstrar o progresso e as transformações da corrente de pensamento da Teoria Crítica através do estudo dos diferentes modelos teóricos propostos pela primeira geração da Escola de Frankfurt.¹

Faz-se entender que a proposta desse trabalho é baseada na tese de Helmut Dubiel² que caracteriza a Escola de Frankfurt em três momentos distintos: *o materialismo interdisciplinar*, datado no início da década de 30, com a posse de Horkheimer como novo diretor do Instituto; a *Teoria Crítica*, proposta no final da década de 30 com o fechamento do Instituto e a fuga de seus membros da Alemanha nazista; e a *Crítica da Razão Instrumental*

¹Depois de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, convencionou-se considerar que a Escola de Frankfurt se desenvolveu por novas gerações de autores e autoras, mas o escopo deste trabalho será apenas os três períodos da primeira geração já mencionados e não abordará seus trabalhos seguintes.

²DUBIEL, Helmut. **Theory and Politics**. Studies in the development of critical theory. Cambridge: MIT Press, 1985.

formulada em meados da década de 40 a partir das análises da situação de guerra na Europa e da cultura americana enquanto os autores estavam exilados nos EUA. Atrelado a estes modelos, o estudo de cada período será limitado às considerações de Horkheimer enquanto representante de seu círculo de colegas. Ainda que os projetos dos demais membros também são importantes, os estudos do diretor do Instituto representam as propostas mais objetivas de seu projeto de Teoria Crítica ao longo dos anos, e continua sendo uma das maiores influências nos modelos de Teoria Crítica das gerações contemporâneas.

1.2 DA ESTRUTURA DO TRABALHO

Propõe-se estudar as transformações dos modelos metodológicos de análise da Teoria Crítica a partir da categorização de Helmut Dubiel, que delimita as atividades da primeira geração do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt em três momentos distintos. A partir desse objetivo, recorre-se a uma revisão de literatura do principal representante da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer, para que seja possível vislumbrar o desenvolvimento e as discrepâncias entre seus diferentes modelos de Teoria Crítica ao longo dos anos.

A fim de compreender os fundamentos teóricos do primeiro modelo intitulado “*materialismo interdisciplinar*” será feito um estudo de seu discurso de posse realizado em 1931 e depois publicado sob o nome de “**A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais**”. Para entender seu modelo de “*Teoria Crítica*”, formulado pouco tempo depois de ser obrigado a deixar o Instituto, recorreu-se à leitura de seu artigo “**Teoria Tradicional e Teoria Crítica**”. Finalmente, para distinguir seu terceiro modelo dos anteriores, “*Crítica da Razão Instrumental*”, será abordado suas considerações no livro “**Dialética do Esclarecimento**” escrito junto de Theodor Adorno durante o início da década de 40.

Junto a isso, fontes secundárias serão utilizadas para auxiliar na construção do argumento proposto por Helmut Dubiel. Em específico, serão utilizadas obras de Martin Jay, Stuart Jeffries e Rolf Wiggershaus para contextualizar os modelos da Teoria Crítica, e será feito referências às leituras de Jürgen Habermas, Axel Honneth e Seyla Benhabib ao longo do trabalho para elucidar os fundamentos teóricos e as diferentes metodologias empregadas em cada modelo. Além de outras bibliografias complementares que corroboram com a pesquisa proposta.

2 SOBRE O MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR

No prelúdio às efervescências políticas da década de 1930, a Teoria Crítica surge como uma contraproposta às demais perspectivas de seu tempo. Críticos do pensamento positivista, que consideravam esterilizante, Max Horkheimer e seus colegas do Instituto disputavam o espaço da produção científica com um material teórico orientado pela filosofia marxista sensível às condições de dominação social de seu tempo e orientado pela construção de um conhecimento emancipatório. A fim de compreender melhor a conexão entre essas áreas de conhecimento, deve-se explorar as considerações de Horkheimer em seu discurso de posse como diretor do IfS, em 1931, que apresenta seu projeto de Teoria Crítica, por enquanto sob o nome de “materialismo”.

2.1 A INTERDISCIPLINARIDADE DAS PESQUISAS

Logo de partida, a peculiaridade da Teoria Crítica pode ser atestada ao conferir os trabalhos de seus membros enquanto ainda viviam na Alemanha. Em verdade, o círculo de pensadores não se originou, ao menos ativamente, dos mesmos campos de pesquisa. Horkheimer estudou filosofia e sociologia, Theodor Adorno pesquisou sobre música e literatura, Herbert Marcuse se manteve aos estudos filosóficos, Leo Lowenthal se interessava pela literatura, e Friedrich Pollock contribuiu no campo da economia. Na prática, as considerações iniciais da primeira geração poderiam ser melhor compreendidas como uma grande partilha de diagnósticos próprios que derivaram de um mesmo horizonte ético dentro do marxismo (Wiggershaus, 2002). De toda forma, não se pode formular um projeto de teoria social mais robusto sem um ponto de partida. A gênese da Teoria Crítica decorre do contato com as diferentes áreas de conhecimento e da influência recíproca entre colegas. A partir disso, os membros do Instituto começam a desenvolver uma linguagem própria, dotada de diferentes perspectivas, sempre expansivas e sem limitações nas áreas de atuação e menos ainda em suas referências (Nobre, 2004). Uma menção pode ser feita a Walter Benjamin, que chega a atuar como pesquisador do Instituto em Paris. Ainda que não tivesse participado do círculo interno do IfS, o crítico literário contribuiu com algumas pesquisas durante a década de 1930, e colabora com a imagem da Escola de Frankfurt que foi apresentada:

Ninguém pode dizer que o grupo foi fundado num campo específico [...] Na verdade [...] foi baseado na ideia que o ensino sobre a sociedade só pode ser desenvolvido na

mais estreita conexão integrada de disciplinas; sobretudo, economia, psicologia, história e filosofia. (Benjamin, apud Wiggershaus, 2002, p. 31)

A maior expressão desse modelo conhecido como “materialismo interdisciplinar” permaneceu sendo a promessa da construção de um conhecimento emancipador guiado pelo paradigma da economia política de Karl Marx (Silva, 2008). Isso não significa que o projeto do Instituto não teria um ponto de vista teórico próprio. O discurso de posse de Horkheimer, realizado em 1933, auxilia na delimitação dos fundamentos teóricos que marcaram esse modelo.

2.2 A DEFESA POR UMA FILOSOFIA SOCIAL

Contrário às interpretações marxistas da década anterior, permeadas por um “materialismo passivo da sociedade” (Jay, 2020), Horkheimer defendeu uma abordagem capaz de revigorar a teoria marxista a partir de sua dimensão filosófica. Em sua perspectiva, uma vez que a Filosofia admite o real enquanto uma aparência fundamentada numa ideia, e por isso, submetida à razão humana, o uso do racionalismo, então entendido como transformador da realidade, pode ser a força motriz por onde os fenômenos sociais são interpretados³.

Em grande medida, a filosofia de Horkheimer estaria baseada numa revisão da dialética hegeliana. O “trabalho da história”⁴ concederia para a filosofia de Hegel a capacidade de abordar o progresso humano a partir de estudos concretos, todavia, contrário a visão de Hegel sobre o “espírito dos povos” a consciência dos indivíduos não seria derivada da especulação idealista, mas da luta de seus interesses.⁵ Para Horkheimer, não existe um destino da história por onde todas as ações individuais seriam trilhadas. A totalidade imutável da história concederia, na sua visão, uma naturalidade ao sofrimento humano. “O sofrimento e a morte dos indivíduos ameaçavam aparecer na sua nudez sem sentido como derradeiros fatos de uma época que acreditava somente nos fatos”⁶. De todo modo, ainda que crítico da visão teleológica da natureza social como um fato consumado, Horkheimer compartilhava do entendimento da existência de uma totalidade, mas sua distinção com o idealismo alemão ocorre pelo emprego da práxis social. Na concepção de Horkheimer, a totalidade deveria ser compreendida como uma representação das condições sob as quais os indivíduos socializados

³ Horkheimer. **A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais**. 1999, p. 124;

⁴Ibid, p. 122;

⁵Ibid, p. 124;

⁶Ibid, p. 124.

produziam e reproduziam a sua existência (Benhabib, 1976). Desse modo, diferente dos demais neo-hegelianos, não houve um cuidado em manter a pureza das palavras de Hegel. Há mérito na liberdade que imaginava ser concedida à filosofia para além da autorreflexão, a liberdade de explorar o relacionamento entre os interesses individuais e universais no mundo das ideias. E este mérito se torna o ponto nodal por onde o resto de seu modelo de Teoria Crítica toma forma. Para o autor, há na filosofia social a intenção de demonstrar o aspecto suprapessoal do indivíduo, um “anseio de dar um novo sentido a uma vida inibida na sua aspiração individual à felicidade” (Horkheimer, 1999, p. 126), um destino em aliviar o sofrimento humano.

2.3 A PROPOSTA DE HORKHEIMER

Ao mesmo tempo em que Horkheimer entende a necessidade de revisar a metafísica hegeliana, o filósofo permaneceu crítico às ciências particulares de seu tempo que aparentavam renegar a teoria filosófica por completo. Com a popularização do positivismo, a análise científica passa a considerar apenas os aspectos factíveis da realidade através de práticas cada vez mais isolantes. Com a complexização dos campos científicos, as diferentes conceituações da realidade parecem seguir um caminho contrário a seu propósito de retornar a uma imagem fundamental de seus objetos de estudo. Horkheimer acreditava que as ciências particulares passavam por um processo de “especialização caótica”⁷. Esse raciocínio das limitações de ambas as esferas, Filosofia e Ciência, concede a Horkheimer a chance de apresentar seu modelo de teoria social específico. Da mesma forma que a metafísica continuaria apresentando certo potencial, o empirismo por si só não seria um problema, e pela interpenetração dialética entre a teoria filosófica e a prática das ciências auxiliares, os limites de cada esfera poderiam ser ultrapassados. (Horkheimer, 1999, p. 128). Assim, o modelo metodológico de análise de Horkheimer toma forma; o aparato da pesquisa científica a serviço dos problemas filosóficos de seu tempo. Com o direcionamento da filosofia voltado ao destino emancipatório, as ciências auxiliares podem analisar o concreto para descobrir não apenas dados factuais da estrutura, mas contribuir numa visão crítica dessa organização. Seu projeto daria conta de explorar, em suas palavras: “a conexão que subsiste entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as transformações que têm lugar nas esferas culturais em sentido estrito”.⁸

⁷Horkheimer. **A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais**. 1999, p. 128;

⁸Ibid, p. 130;

2.4 AS INFLUÊNCIAS DE GEORG LUKÁCS

Deve-se salientar que o modelo de Horkheimer já se espelha, em grande medida, pelas considerações de Georg Lukács em seu livro **“História e Consciência de Classe”** publicado em 1923⁹. O filósofo húngaro, guiado pelo interesse na dialética hegeliana e na práxis marxista, procurava por uma teoria capaz convergir o pragmatismo em lidar com as problemáticas sociais concretas e o debate idealista capaz de racionalizar as relações humanas em seus aspectos mais generalizantes. A melhor forma de compreender tal proposta é através de suas considerações acerca da totalidade enquanto “o domínio universal e determinante do todo sobre as partes”¹⁰. Com esse conceito, Lukács compreendeu o valor do método marxiano que radicaliza a proposta da dialética de Hegel, ao transformar todos os fenômenos sociais em objetos de estudo concretos (Teixeira, 2014). Por esses mesmos motivos, Horkheimer admite que só seria possível desvelar os fenômenos sociais quando se criasse uma relação de proximidade entre a filosofia e os demais campos das ciências (Held, 1990). Ao mesmo tempo, a união das diferentes áreas de conhecimento foi o movimento que afastou Horkheimer de Lukács. Mesmo que permanecesse dando uma maior ênfase para o campo econômico – pelo menos nesse modelo de Teoria Crítica – Horkheimer compreendeu que para criticar adequadamente a ideologia, como Lukács planejava, seria necessário, antes, se debruçar sobre outros campos de conhecimento, como por exemplo na psicologia (Teixeira, 2014).

3 SOBRE A TEORIA CRÍTICA

Com a nomeação de Hitler ao cargo de Chanceler, em 1933, e a consequente suspensão das atividades do Instituto, a necessidade de adaptar um novo modelo de Teoria Crítica era ao mesmo tempo demandada pelo contexto histórico, e crucial para seus membros. Mas a próxima contribuição de Horkheimer à mudança de perspectiva da Teoria Crítica só seria publicada depois de se estabilizar na Universidade de Columbia. Publicado em 1937, o artigo “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” expande as heranças teóricas de Horkheimer através de um novo projeto com revisões acerca da do tipo de produção de conhecimento que o Instituto deveria prezar.

⁹Lukács participou do primeiro seminário da “Semana de Trabalho Marxista” realizada pelos membros do Instituto em 1923, meses após a publicação da **“História e Consciência de Classe”**;

¹⁰LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**, 2012, p. 08.

3.1 A FALSIDADE DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

Com o resgate da filosofia hegeliana e ainda orientado pelo horizonte marxista, Horkheimer e o Instituto, prezavam por um método científico e teórico que extrapolassem as intenções da teoria científica tradicional. Novamente, da crença no interesse dos seres humanos em superar suas condições de dominação, seu novo modelo de Teoria Crítica toma forma enquanto uma crítica aos modelos de produção de conhecimento, mas agora o papel da filosofia era mais delineado por servir como uma ferramenta para criticar a base epistemológica da ciência (Benhabib, 1986).

Apoiado em uma corrente de pensamento que permaneceria dependente de um interesse em uma praxis futura, Horkheimer não estaria somente preocupado em contrapor o raciocínio científico “tradicional” mas em criticá-lo. O diretor percebe a parcialidade das ciências ao ignorarem sua própria presença dentro da estrutura social mais ampla. O papel de uma ciência que não percebesse estar implicada na política é aquela de uma ferramenta reprodutora da ideologia dominante.¹¹ De acordo com Dubiel, a forma de se entender o projeto de Teoria Crítica se dá através da compreensão que “não há uma teoria social, mesmo quando preocupada em leis generalizantes que não contém interesses políticos implícitos” (Dubiel, 1985, p. 55). Adiante, da tradição marxista em compreender o trabalho como uma expressão da reprodução social, uma teoria – qualquer que seja – está relacionada aos processos pelos quais a sociedade se reproduz. Tanto o objeto quanto o campo científico a qual ele pertence são antes produtos de um trabalho pertencente a um contexto social específico¹². Em outras palavras, compreender o papel da ciência significa compreender seu aspecto enquanto produto do trabalho humano, e desvinculá-la dessa imagem não significa imbuí-la de uma independência de seus métodos, mas apenas segrega o sujeito de seu objeto. A imagem real de ferramenta criada pelo e para o social é ofuscada, e por conta disso, renegada ao serviço da ideologia dominante (Silva, 2008). Nas palavras de Horkheimer, “Mesmo nos cálculos mais complicados, eles são expoentes do mecanismo social invisível, embora creiam agir segundo suas decisões individuais.” (Horkheimer, 1975, 132).

3.2 OS LIMITES DO POSITIVISMO

A teoria tradicional criticada por Horkheimer é derivada da metodologia proposta de Descartes, que transforma a realidade em símbolos matemáticos passíveis de serem traduzidos

¹¹HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, 1975, p. 130 e 131;

¹²DUBIEL, Helmut. *Theory and Politics. Studies in the development of critical theory*. Cambridge: MIT Press, 1985, p. 55;

pela lógica positivista. Ainda que não se possa questionar os avanços que o método tenha oferecido ao campo das ciências naturais, sua implementação nas “ciências do espírito” não oferece o mesmo grau de benefícios. Horkheimer percebe como tais ciências de espírito ao buscarem o mesmo destino das ciências naturais, elaborando suas teorias generalizantes a partir do material recolhido pelo método empírico, invertem as posições da filosofia e das ciências humanas¹³. No positivismo, as leis generalizantes só poderiam existir a partir da interpretação dos materiais concretos elaborados de situações cada vez mais isoladas. Por consequência disso, a própria qualidade da teoria se altera ao ser expressa, agora, pela sua capacidade de manejar o conteúdo oferecido pelas formulações científicas. Alfred Weber se torna uma das grandes representações dessa metodologia ao tentar desenvolver uma “produção de teoria objetiva”¹⁴. Ao transformar a história em um processo de fatos concatenados, pode-se reconhecer um percurso provável pelo qual, mesmo alterando um de seus coeficientes, seu destino ainda é vislumbrado. Contudo, Horkheimer adverte como a previsibilidade dos fatos induz a uma nova definição de verdade, agora representada pelas coerências das descobertas com o sistema lógico implementado para revelá-las. Ao contrário de lidar com as contradições, a validade dos métodos científicos passa a ser expressa pela eficiência de sua reprodutibilidade. Desse modo, a própria finalidade da ciência é afetada. Horkheimer percebe que com o uso inconsequente do positivismo a produção de conhecimento passa a exercer o papel de conciliador da realidade.

A predileção por verdades absolutas, desvinculadas de um contexto histórico, para que fosse possível admitir uma universalidade e reprodução de suas práticas quase serve como contraponto do que seria a Teoria Crítica (Held, 1990). Ao passo que o positivismo prezava pela compreensão da causa e efeito de seus objetos de estudo, a Teoria Crítica visava uma reflexão dialética que contribuísse para uma transformação do mundo concreto. De todo modo, são as consequências dessas delimitações que chamam atenção a mais particularidades da proposta de Horkheimer: Seguindo as considerações apresentadas em seu primeiro modelo, Horkheimer reconhece que a teoria tradicional estaria tão ocupada em aprofundar a cisma entre as áreas de pesquisa com o desenvolvimento de suas técnicas, que o diálogo entre os campos de pesquisa se deteriora até se tornarem virtualmente descolados uns dos outros. Percebe-se a alienação do campo científico limitado a um debate tecnicista, a-histórico, e alheio às consequências de suas ferramentas justificadoras da organização da vida social

¹³HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, 1975, p. 127;

¹⁴Ibid, p. 128.

vigente.¹⁵ Horkheimer desenvolve seu modelo teórico a partir desse entendimento. Não é atribuído à Teoria Crítica o dever de negar por completo a razão científica, mas direcionar esse modelo crítico a expor a teoria tradicional enquanto sintoma de uma problemática ainda mais grave que a redução da ciência a um conjunto de técnicas capazes de comprovar sua reprodutibilidade. Pela tendência à redução da ciência tradicional a um tecnicismo preocupado com a aplicabilidade de seus métodos, a arrogância do modelo tradicional em presumir verdades universais apenas demonstra uma tenacidade de sua ilusão. Ao deslocar suas práticas para algo aquém da práxis social, suas ferramentas perdem a capacidade de lidar com as contradições das relações sociais concretas¹⁶. Cabe à Teoria Crítica, então, reconhecer o processo de alienação dessa produção de conhecimento. O pensamento crítico deve desvelar a falsa espontaneidade dos indivíduos como parte da relação de trabalho que caracteriza sua humanidade. O que não implica numa generalização das individualidades, mas na garantia da liberdade do sujeito ao considerar, conscientemente, os diferentes relacionamentos dele com outros indivíduos e grupos, seus confrontos como membro de uma classe, e até seu vínculo com o todo social e a natureza¹⁷.

3.3 O PROLETARIADO E A INTELECTUALIDADE

Ao se utilizar do método marxista para fundamentar suas críticas, a teoria de Horkheimer enfrenta os mesmos problemas desse método. Criticar os demais modelos de teoria como tendenciosos exige da Teoria Crítica reivindicar a capacidade de apresentar uma nova proposta de leitura da estrutura social. O marxismo ortodoxo, como o de Lukács, legitima sua proposta através do protagonismo da classe proletária que representa uma visão de mundo não comandada por interesses particulares mas pela defesa da própria vida¹⁸. No entanto, para Horkheimer, a tradução de uma práxis das necessidades básicas para uma práxis de libertação envolve um processo muito mais complexo do que um eventual progresso do esclarecimento imanente da classe subordinada. Mesmo a classe proletária compreenderia o mundo de forma superficial.¹⁹ O destino emancipatório do proletariado não era algo garantido, pelo contrário, aparenta ser impossível. Mesmo que a teoria do Instituto continuasse a ter a classe proletária como sua destinatária, o momento histórico inviabiliza sua participação na

¹⁵HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, 1975, p. 129;

¹⁶BENHABIB, Seyla. **Critique, Norm, and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory**. Nova Iorque: Colombia University Press, 1986, p. 4;

¹⁷HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, 1975, p. 140.

¹⁸SILVA, Josué Pereira da. **Trabalho, Cidadania e Reconhecimento**, 2008, p. 40;

¹⁹DUBIEL, Helmut. **Theory and Politics. Studies in the development of critical theory**. Cambridge: MIT Press, 1985, p. 49;

construção de um conhecimento libertador. Além disso, Horkheimer acreditava que o teórico interessado em acelerar o processo de emancipação não estaria necessariamente dependente de sua posição de classe. Aludindo aos trabalhos de Engels, qualquer teórico comprometido com a crítica da economia poderia contribuir com a superação das formas de dominação de sua época²⁰.

O apoio ao regime nazista por boa parte da classe trabalhadora alemã apenas reforçaria essa visão de que não poderiam contribuir com sua própria emancipação enquanto suas condições históricas estivessem articuladas a uma ideologia tão nociva. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt acreditava, então, ser o dever dos intelectuais produzir o conhecimento crítico capaz de superar as condições que enxergavam. Ademais, não só a construção do conhecimento estaria limitada a uma parte marginalizada da sociedade, como também seria sua responsabilidade se distanciar do proletariado para construir uma teoria livre das influências da consciência nazista difundida entre as massas. A resistência contra as formas de dominação agora aconteceriam de forma isolada, e seu modelo de Teoria Crítica deveria, para além de desvelar as contradições sociais como expressões do momento concreto, estimular seus destinatários a construir uma consciência emancipatória²¹.

4 SOBRE A CRÍTICA DA RAZÃO INSTRUMENTAL

4.1 O CONTEXTO DA OBRA

O modelo encontrado na **“Dialética do Esclarecimento”** é significativamente distinto dos seus antecessores. Aqui, Adorno e Horkheimer perderam as esperanças no potencial emancipatório da humanidade. Mas por quê? Pode-se começar avaliando a resposta mais óbvia: a concepção da obra perpassou momentos tumultuosos. As propostas socialistas emergentes na Europa do início do século XX logo foram esmagadas por governos nazifascistas e pela estética capitalista que se propaga pelo mundo (Martin Jay, 2020). Arelado a isso, o Instituto de Frankfurt aos poucos era envolto pela sombra do novo governo nazista e seus membros foram obrigados a buscar por alternativas. Pollock foi em busca de uma sucursal em Genebra para garantir o funcionamento do Instituto e futuramente o asilo de seus colegas. Horkheimer pede por novas doações a Felix Weil, cofundador do Instituto, para conseguir manter a estabilidade financeira. Walter Benjamin, amigo do círculo interno do

²⁰HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**, 1975, p. 148;

²¹DUBIEL, Helmut. *Theory and Politics. Studies in the development of critical theory*. Cambridge: MIT Press, 1985, p. 54;

Instituto, comete suicídio tentando escapar das forças nazistas. E quando o grupo finalmente consegue se estabelecer nos EUA o faz de forma fragmentada e por vezes solitária. Finalmente, para além de realizarem um projeto de teoria abertamente contrária às ideologias políticas da Alemanha nazista, não se pode ignorar o fato de que grande parte de seus membros eram judeus e mantiveram algum tipo de contato com movimentos comunistas. Por essas razões, a diáspora frankfurtiana não poderia ser considerada um fator chocante. Menos ainda seria a resposta dos membros depois de se depararem com as atrocidades da guerra. De todo modo, o cuidado que deve ser acentuado é em não assumir que o negativismo da abordagem científica de Adorno e Horkheimer nessa fase é um reflexo exclusivo de suas adversidades históricas²². O negativismo dos autores é teoricamente consistente com as críticas do capitalismo daquele momento, dado que tal sentimento também é derivado das suas metodologias empregadas e dos seus fundamentos teóricos mobilizados.

4.2 A RAZÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO

A crítica apresentada pela *Dialética do Esclarecimento* promove, de forma sucinta, duas grandes problemáticas: (I) o aparelhamento da razão submetida a uma lógica burocrática administrada sob imperativos de eficiência do capitalismo de estado; e a partir disso, (II) a perda da individualização e a mistificação das massas. A crítica da lógica positivista encontrada nos modelos de Teoria Crítica anteriores é substituída por considerações mais graves. Neste modelo da Crítica da Razão Instrumental, o progresso inferido das práticas positivistas culmina no regresso da razão à repressão da humanidade. A razão, que deveria ser a principal ferramenta na libertação humana, percorre um caminho de autodestruição e se transforma, ela própria, na nova forma de dominação totalizante (Martin Jay, 2020). A humanidade, em vez de atingir novos patamares de liberdade, recai a uma nova forma de barbárie.

A história motorizada toma a dianteira desses desenvolvimentos intelectuais e os porta-vozes oficiais, movidos por outros cuidados, liquidam a teoria que os ajudou a encontrar um lugar ao sol, antes que esta consiga prostituir-se direito (Adorno e Horkheimer, 1947, p. 12).

²²No prefácio da “**Dialética do Esclarecimento**”, os próprios autores denotam que escreviam a obra quando já se conseguia enxergar a derrota do nazismo.

A sociedade passa agora a ser organizada a partir do imperativo da eficiência ao invés do imperativo da reflexão moral. De que modo, então, foi criada a condição capaz de expurgar a capacidade de autocrítica da razão? Como se permitiram situações onde sujeitos perdem a capacidade de reflexão moral? A resposta para Adorno e Horkheimer, está na qualidade que atribuem à razão humana. Sua instrumentalização não estaria apenas inscrita na nova organização social do capitalismo de estado, mas poderia ser atestada desde seus primórdios. Ela sempre esteve caminhando na direção da sua própria dominação.

O progresso dessa dominação é explorado pelos autores com base nas considerações de Max Weber sobre o “desencantamento do mundo” que descreveria o conceito enquanto um sentido histórico do desenvolvimento ocidental. À medida que as inferências místicas aos poucos são substituídas por uma mentalidade orientada por relações causais, a estrutura social, antes disciplinada pelas crenças e pelo imaginário mitológico, começa a se adaptar às leis oferecidas pelos métodos científicos. As consequências do emprego da razão, do *Esclarecimento*, se torna um dos pontos centrais para compreender seu destino como razão instrumental.

4.3 O ESCLARECIMENTO E SEU RETORNO AO MITO

Com a proposta de emancipar a humanidade da tutela dos mitos e lhes conferir o poder sobre a natureza através da razão, o Esclarecimento seria, em seu cerne, um processo de liberdade da condição vassala do indivíduo frente a seu meio. Francis Bacon foi um dos principais defensores dessa proposta que, atrelada ao uso da lógica e, posteriormente, do positivismo, concederia os meios para inverter essa relação de poder. O emprego da calculabilidade se torna uma linguagem universal com a qual todos os aspectos da natureza poderiam ser abordados. E tudo aquilo que extrapolasse seu alcance deveria, por pressuposto, ser classificado como mito. No Esclarecimento o saber torna-se uma ferramenta de poder e a natureza se torna um sistema compreensível e justificável. Com a totalidade agora passível de ser compreendida, a razão, ao expurgar o desconhecido, concede poder absoluto à humanidade.

Adorno e Horkheimer escrevem um excuro sobre o que imaginavam ser as qualidades do Esclarecimento com a leitura da “**Odisseia**” de Homero. É dentro dos poemas épicos da Grécia antiga que se pode atestar as primeiras tentativas da humanidade em compreender os fenômenos naturais da vida através do emprego da razão. O medo da incerteza e do desconhecido começavam a ser combatidos a partir da construção do imaginário mitológico e das fábulas dos personagens olímpicos que davam corpo às

funcionalidades da vida. O sequestro de Perséfone garantiu a previsibilidade das estações do ano. Tal como no Esclarecimento, a mitologia pode oferecer aos seus seguidores poder sobre a natureza. Entende-se então como a mitologia é o ponto de partida de onde o Esclarecimento pode tomar forma e se desenvolver.

Diante das expectativas em perceber um distanciamento do mito, Adorno e Horkheimer concluem que em seu progresso, o Esclarecimento se expande para além de seu propósito. Cria-se uma realidade na qual a reprodução de suas normas pode ser atestada, validando seus métodos de calculabilidade, ao passo que se condena a sociedade a uma cegueira disciplinada. Do compromisso em satisfazer as vontades humanas pela submissão do mundo natural, o pensamento racional que deveria gerar liberdade se atrofia a uma razão alienada (Freitag, 1986). Para os autores, esse desfecho acontece pelo medo do desconhecido e a necessidade do controle da natureza por parte dos indivíduos, que abdicam de sua liberdade para desfrutar de algum grau de previsibilidade e conforto dentro das regras de sua organização social. Novamente, Ulisses é invocado para representar essa dominação da própria subjetividade. O Esclarecimento deveria oferecer o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo, sua identidade. A diferença na sua versão inicial, no mito, está no modo como esse desenvolvimento ocorre. Em sua narrativa, deve-se superar adversidades, há uma expectativa de sacrifício para obter algum retorno. É através da jornada por um labirinto que o indivíduo alcança sua identidade. Todavia, em Ulisses há uma tentativa de racionalizar seu sacrifício (Habermas, 2000). Em vez de ser castigado, o herói faz oferendas simbólicas capazes de suprir o mesmo efeito. O sacrifício é racionalizado para que sua jornada continue. O canto das sereias por sua vez demonstra o sacrifício das vontades pessoais para adquirir mais poder. Amarrado ao mastro de seu barco, Ulisses está disposto a renunciar sua autonomia se isso significar ter algum controle sobre a natureza externa. O sacrifício necessário para seguir sua jornada é dessa vez internalizado. Dessa forma, o processo de emancipação da natureza retorna numa submissão das vontades do indivíduo, na procura por dominar o exterior, Ulisses se rende para a dominação de seu próprio ser. “O mito já é Esclarecimento e o Esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 17). Com essas duas teses os autores não pretendem postular a inutilidade das práticas científicas devido a fatalidade do Esclarecimento como um retorno à mitologia. O fator mais importante dessas considerações é reconhecer para onde o conhecimento parece sempre estar direcionado. Mesmo lhe atribuindo o dever de atingir novos patamares de

liberdade, o Esclarecimento aparenta retornar à dominação. Aqui, a linguagem²³ empregada nesta tese também demonstra uma consequência do manejo do Esclarecimento e sua real finalidade: o ímpeto pelo conhecimento não está calcado na curiosidade em explorar a natureza, mas em dominá-la. A produção racional de conhecimento, o Esclarecimento, deve ser compreendido como uma ferramenta de controle, utilizada, não para saciar o desejo do aprendiz humano, mas para mitigar seu medo quanto ao desconhecido.

Martin Jay considera o emprego dessa linguagem como o momento em que a primeira geração se distancia do que imaginava ser o marxismo ortodoxo. A construção da história não seria movida pelo atrito da luta de classes, mas sobre a relação entre o homem e a natureza. Há então uma reconfiguração do modelo metodológico da Teoria Crítica. O que antes deveria ser compreendido como a junção entre os campos da filosofia e das ciências humanas, passa a expressar a imagem de uma *filosofia da história*, preocupada em criticar o aparato científico moderno que está comprometido por completo. E a própria concepção de progresso humano é relativizada. A dialética proposta pelos autores aborda a produção científica como um conflito e como uma prática contraditória e seu aperfeiçoamento não poderia ser compreendido como uma narrativa linear.

4.4 O CAPITALISMO DE ESTADO

A análise da Indústria Cultural é um bom representante para exemplificar este empreendimento de construção totalitária de conhecimento, mas antes de delimitar esse conceito, faz-se necessário entender o progresso da lógica interna da estrutura capitalista e o desenvolvimento de suas práticas a ponto de instrumentalizar a razão humana. Em grande medida, este excursão sobre o novo arranjo interno do capitalismo é derivado do estudo de Friedrich Pollock sobre o que chamaria de “Capitalismo de Estado”²⁴.

Diferente da livre concorrência entre indústrias pelo domínio do mercado, típica do capitalismo do século 19, a nova organização de grandes monopólios, típica do entre guerras do início do século 20, está preocupada com a gestão de mão de obra em larga escala. Agora, a ênfase na produção deixa de ser uma exploração irrestrita, e passa a ser o aperfeiçoamento da eficiência de seus trabalhadores. A partir de agora o mercado preza por uma conexão íntima com os estados nacionais capazes de lidar de forma mais efetiva com suas instabilidades (Nobre, 2008). Com isso, a lógica capitalista reformulada se liberta dos limites

²³JAY, Martin. **A imaginação dialética**: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950, 2020, p. 321.

²⁴Em específico: POLLOCK, Friedrich. **Capitalismo de Estado**: suas possibilidades e limitações. 2019.

da esfera econômica, incorporando uma racionalidade própria do Estado “fechada em si mesma”. Tal lógica, caracterizada pela burocratização da estrutura, automatização de suas atividades e cooptação daqueles indivíduos capazes de desenvolver mecanismos derivados dos critérios de eficiência, submete os demais canais sociais – seja a linguagem, a política, ou a própria ciência – ao mesmo discurso reificante (Nobre, 2008).

Na modernidade, para Adorno e Horkheimer, há uma radicalização do tipo de capitalismo encontrado por Marx. A função reificante do arranjo capitalista do século XX não estaria direcionada aos privilégios da classe burguesa, mas à própria manutenção de sua ordem. O sistema se descola por completo de sua base e, sob sua nova forma de capitalismo de estado, sua lógica passa a ser a de uma dominação generalizada. Ainda que a parcela burguesa continue a desfrutar dos privilégios da hierarquia social, a fim de se manter no poder, essa burguesia também perderia sua autonomia.

4.5 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DAS MASSAS

Enfim, o estudo da cultura americana revela uma forma condensada das lógicas apresentadas até aqui: o papel da reprodutividade e calculabilidade do pensamento positivista; o impulso do capitalismo de estado em aparelhar essas ferramentas em práticas burocratizadas da vida social; e a reversão do Esclarecimento em dominação apesar das promessas de liberdade. Assim, a Indústria Cultural reforça a visão totalizante com que a ordem social moderna realiza essa razão, ainda que sob lentes menos violentas que as da Alemanha Nazista. No caso da sociedade americana, é através das linguagens culturais que o controle de seus indivíduos pode ser compreendido de forma mais clara. Nela existe uma organização na produção da cultura que seleciona mercadorias facilmente difundidas e por consequência absorvidas pelas massas como parte de sua realidade naturalizada. Dentro desse contexto, a ideologia não precisa ser imposta de forma violenta à camada trabalhadora, uma vez que pode ser implementada de forma mais eficiente através dos canais culturais que garantem uma conformidade aconchegante. “A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 120). A perda da autonomia ocorre pela generalização do indivíduo que, graças a seu contato com as instituições sociais adequa suas vontades para as tendências pré determinadas por estas mesmas instituições. Tal como na organização nazista, a reprodução da estrutura social da sociedade americana é atingida através da mesma prática do desenvolvimento da instrumentalização da razão humana. Sua implementação na comunicação em massa teria se transformado, assim, num “absurdo

perverso” adequando todos os seus canais, jornais, rádio, cinema, a uma paródia da realidade, e fazendo das experiências individuais meras cópias de experiências passadas.²⁵

4.6 A APORIA TEÓRICA

Feito todo esse ensaio, o que seria então o modelo proposto por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*? Formulado uma teoria social que se situa entre as influências de Marx e Weber, os autores chegam num modelo próximo de uma *filosofia crítica da história* (Benhabib, 1986). Orientada por intenções morais na emancipação da vida social, sua teoria deve criticar a organização social a partir de sua posição dentro de um contexto histórico capaz de imaginar outras propostas de realidade para além daquela reificada pela lógica positivista justificadora. A partir disso, apresentam seu diagnóstico do mundo ocidental. Dentro do arranjo do capitalismo de estado, a razão instrumentalizada é a única forma de pensamento possível. Com a razão reduzida ao seu uso instrumental, torna-se suspeita qualquer aventura revolucionária enquanto ela, que deveria ser a principal ferramenta responsável por imaginar outras propostas de realidade, permanecer um instrumento das condições que deveria superar (Nobre, 2008).

Entretanto, com esse diagnóstico, os autores ficam obstruídos por uma aporia teórica. Seu modelo de teoria, realizado através das mesmas ferramentas dessa razão instrumental, perpetua a própria estrutura de dominação que busca condenar. Não apenas de se manterem esperançosos pela capacidade inata da transcendência da razão, enquanto criticam os poderes dominantes da modernidade (Benhabib, 1986). Aqui, a própria qualidade do trabalho, previamente reconhecido dentro dos pressupostos do marxismo, é radicalmente ressignificada. O sentido ontológico que explicaria a forma como a humanidade interage com a natureza passa a ser compreendido como um mecanismo de sua repressão. A atividade que antes deveria qualificar o indivíduo enquanto humano agora restringe seu potencial emancipatório (Benhabib, 1986). Junto a isso, o destinatário de seu modelo teórico também desaparece. O que antes poderia ser considerado como uma dinâmica conflituosa entre os teóricos e o proletariado agora é vista como uma rivalidade entre a crítica e toda a tradição racional ocidental.²⁶

²⁵DUBIEL, Helmut. **Theory and Politics**. Studies in the development of critical theory. Cambridge: MIT Press, 1985, p. 92;

²⁶Ibid, p. 89;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto que foge da proposta de um modelo específico mas que permanece constante enquanto Horkheimer fora diretor, seria, para Dubiel, uma proposta de escrever uma “história do materialismo”. Em seu entendimento, os limites de quaisquer teoria social estariam atrelados aos contextos históricos em que ela é concebida, ou seja, conforme as experiências sociais se alteram, as ferramentas teóricas perdem seu propósito e devem ser substituídas. Há na Teoria Crítica uma qualidade passageira. As considerações feitas acerca da sociedade alemã da década de 1930 só poderiam produzir méritos dentro das circunstâncias de seu tempo²⁷. Essa característica pode ser a chave para compreender os motivos das mudanças metodológicas de Horkheimer e do resto da Escola de Frankfurt. Ademais, sua constatação serve para demonstrar como os diagnósticos de seu tempo não deveriam, necessariamente, representar uma posição final de suas considerações. O negativismo histórico que transcorre nas páginas da “**Dialética do Esclarecimento**” deve ser compreendido antes como um diagnóstico específico a um momento de efervescência política, ao invés de um diagnóstico sobre a essência da consciência humana.

Muito se fala sobre a complacência que os membros da escola teriam se resignado depois da **Dialética do Esclarecimento**. Durante os anos iniciais do instituto as crenças de Horkheimer, ao contrário de sua imagem negativista a partir da década de 1940, não só exibiam segurança em seu método como também demonstravam sua disposição em participar dos movimentos de levante social de sua época. Duas coisas que se tornaram objeto de recorrentes críticas dos movimentos estudantis das décadas de 50 e 60. O seguinte excerto de Horkheimer endereçado a uma colega em 1921 remete bem essa ideia²⁸:

Quanto mais a filosofia toma conta de mim, tanto mais eu me afasto do que se designa por esse termo aqui na Universidade. Não são leis formais do conhecimento que, no fundo, não têm importância alguma, que nós devemos procurar, mas teses concretas sobre nossa vida e seu sentido. (Horkheimer, *apud* Wiggershaus, 2002, p. 79)

Porém, parece válido explorar as atividades empenhadas pela dupla no retorno à Frankfurt. Novamente, não se deve ignorar que para além de sobreviver à perseguição nazista os pensadores viveram em condições relativamente confortáveis e as suas propostas de uma

²⁷DUBIEL, Helmut. **Theory and Politics**. Studies in the development of critical theory. Cambridge: MIT Press, 1985, p. 32 e 33;

²⁸WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. 2002.

filosofia crítica da história colaborariam com sua imagem de “sociólogos de gabinete” enquanto exilados pelos EUA. Mas quando Horkheimer é convidado a ser o novo reitor da universidade de Frankfurt, tanto ele quanto seu colega Adorno, retornam com a condição de realizar um literal expurgo do corpo docente da instituição. Todos os membros com algum vínculo ao partido nazista foram afastados, e ambos pensadores voltaram às atividades do ofício guiados pela responsabilidade em auxiliar na reconstrução moral da Alemanha (Wiggershaus, 2002).

Suas publicações futuras também seriam guiadas pela revisão de suas propostas da **“Dialética do Esclarecimento”**. Adorno tentava remediar suas considerações sobre a relação do homem e da natureza em sua obra **“Dialética negativa”** (Benhabib, 1986). Suas perspectivas do futuro eram pessimistas mas mesmo assim continuaram a atuar no único campo onde acreditavam existir algum espaço de resistência. A veracidade de suas suposições quanto a isso pode e deve ser debatida, mas imaginá-los como derrotistas seria um exagero. Da mesma forma que Adorno viesse a defender ideias como “escrever um poema após Auschwitz é bárbaro”²⁹, ele não negaria ajudar seus colegas como Thomas Mann na revisão de suas obras como em **“Doutor Fausto”**. Não se pode confundir seu negativismo como complacência.

²⁹ADORNO, Theodor W. **Crítica cultural e sociedade**, 1949.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Crítica cultural e sociedade**, 1949. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Adorno-Critica_cultural_sociedade.pdf. Acesso em: Maio, 2024.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

BENHABIB, Seyla. **Critique, Norm, and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory**. Nova Iorque: Colombia University Press, 1986.

DUBIEL, Helmut. **Theory and Politics**. Studies in the development of critical theory. Cambridge: MIT Press, 1985.

FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: M. Fontes, 2000.

HELD, David. **Introduction to Critical Theory**. Horkheimer to Habermas. Cambridge: Polity Press, 1990.

HONNETH, Axel. **A dinâmica social do desrespeito**. Florianópolis: Política & sociedade, 2018.

HORKHEIMER, Max. **A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais**. São Paulo: Revista Praga, nº 7, pp. 121-132, 1999.

_____. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Coleção **Os pensadores**, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, pp. 125-162, 1975.

JAY, Martin. **A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950**. Contraponto Editora, 2020.

JEFFRIES, Stuart. **Grand Hotel Abyss: The Lives of the Frankfurt School**. Londres: Verso, 2016;

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**. São Paulo: M. Fontes, 2012.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. São Paulo: Zahar, 2004;

_____. **Curso Livre de Teoria Crítica**. Papyrus, 2008;

POLLOCK, Friedrich. Capitalismo de Estado: suas possibilidades e limitações. *In*: FLECK, Amaro. **Crise e transformação estrutural do capitalismo**: Artigos na revista do instituto de pesquisa social, 1932-1941. Florianópolis: NEFIPO, pp. 89-118, 2019.

SILVA, Josué Pereira da. **Trabalho, Cidadania e Reconhecimento**. São Paulo: Annablume, 2008.

TEIXEIRA, Mariana Oliveira do Nascimento. **Modelos críticos e teoria social tradicional: A dialética entre pesquisa e apresentação em Georg Lukács e Max Horkheimer**. São Paulo, SP: Limiar. vol. 1, nº 2, 2014

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**, história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.